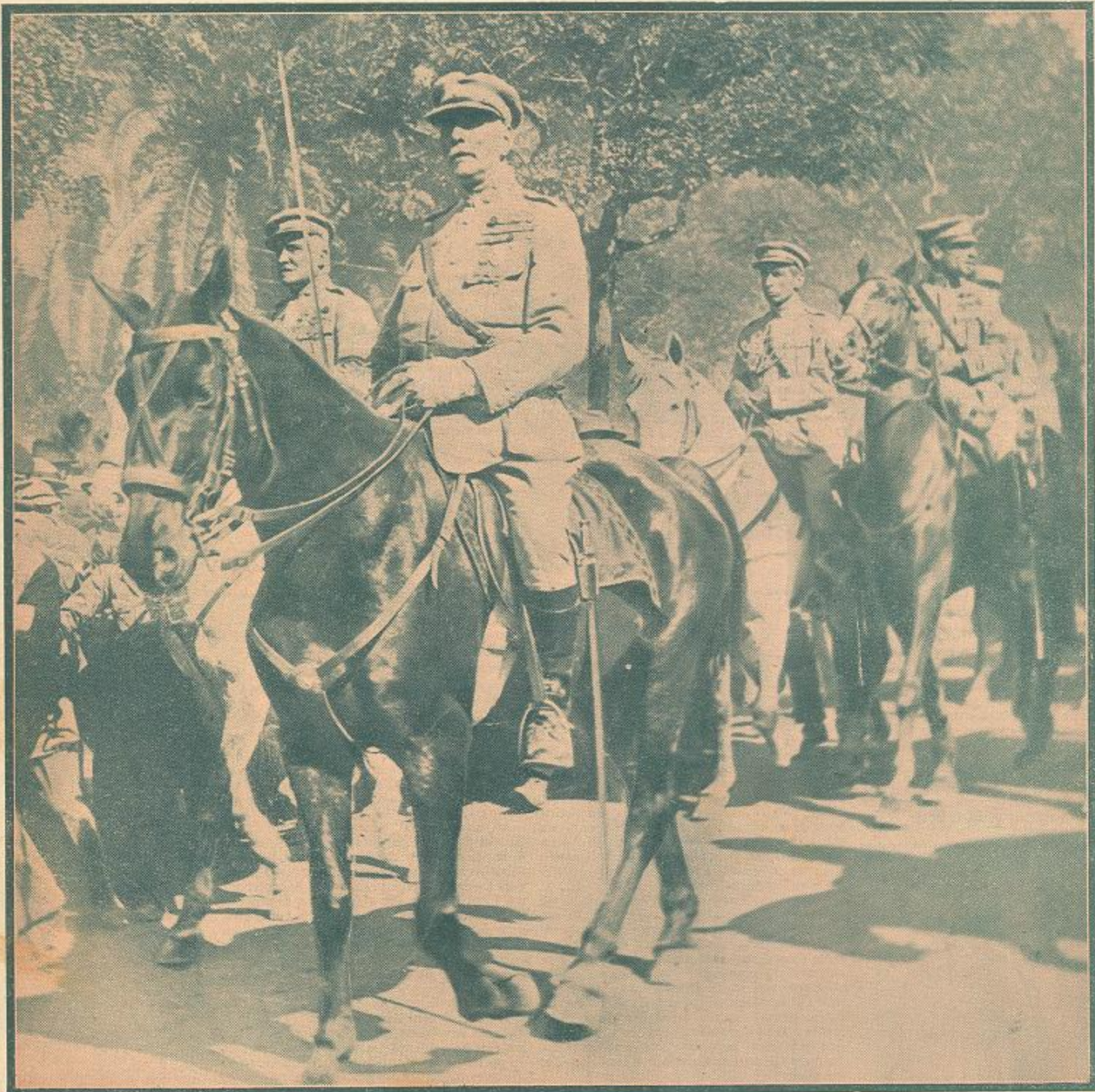
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II — NUMERO 74 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELEF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

A entrada triunfal do general Gomes da Costa em Lisboa á frente das suas tropas.

Na fotografia vê-se o general Alves Pedrosa, o tenente-coronel Raul Esteves e outros militares graduados

(«Cliché» excl. *Domingo ilustrado*)

LEIA DENTRO: — Uma admiravel e pitoresca novela passada entre um recruta que veio do Norte e uma menina que guia automoveis.

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 74

LISBOA 13 DE JUNHO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO *ilustrado*

DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO *HENRIQUE ROLDÃO*—EDITOR *JULIO MARQUES*—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Diplomacia

As questões diplomaticas são, por natureza, delicadas, questões de sala, que se têm de resolver com luva branca, não a pulso, mas a sorriso.

Fala o novo governo em grande sarabanda nas representações estrangeiras. Ora, a verdade é que se ha legações que estão mal, outras ha que estão bem, e muito bem, mesmo.

Antonio da Fonseca tem feito em Paris um belo lugar. O mesmo sucede a Melo Barreto, em Madrid, cujo triunfo pessoal é um facto.

Haverá necessidade flagrante de substitui-los por fardas de exito problematico?

Quer-nos parecer bem que não.

Um abuso

A companhia Tinoca abriu ha tempos um concurso de cartazes. Como quer que os artistas não premiados não fossem buscar as suas obras dentro de determinado praso, a mesma companhia recusou-se a entregar-lhas e utilisou-as para o seu reclamo, sem dar aos donos das obras nenhuma compensação. Escusado será dizer que nas condições do concurso nenhuma clausula havia que permitisse esse inqualificavel abuso.

A felicidade, depois de pronta

Uma mulherzinha, como tantas outras, anuncia nos jornais a felicidade completa, num 3.º andar da Rua do Sol ao Rato, a troco de poucos escudos. Está no seu direito. O que é inédito e perigoso é que ela apenas recebe o dinheiro «depois do trabalho pronto».

Por muita confiança que esta psicologa do Rato tenha nas suas artes, parece-nos exagerado o seu optimismo. No entanto, é de crêr que já alguns clientes tenham saido completamente «prontos»...

As entrevistas

A Legação de França desmentiu uma entrevista, que, ao que parece, não convinha aos interesses daquela nação.

Ponhamos o caso ao contrario.

Conseguir-se-hia que o «Matin» se desmentisse a si proprio, dizendo fantasiosas as informações dadas por um seu redactor de categoria a proposito de declarações, por exemplo, de Bernardino Machado? O grande jornal francês esquivar-se-hia a isso. Mas nós temos bom coração, e generosamente não fizemos questão do caso. Que diabo! — mais pêta, menos pêta, tratando-se de Pétain...

Um poeta

Guilherme de Faria, moço e poeta, acaba de lançar um novo livro de versos — «Saudade minha» — que está muito acima da banalidade corrente.

Artista de largo futuro, pela sua rara sensibilidade e pela sua cultura, vem marcando já uma situação de muito interesse que a pouco e pouco se firmará por certo. O nosso critico em breve se lhe referirá.

POUCA SORTE

—Só uma vez na minha vida não perdi dinheiro nas corridas...
—Quando foi?
—Quando me roubaram a carteira...

Má língua

CARTA A UM EPICO

Meu caro Luiz

Escrevo-te sentado,
co'os cabellos em pé e a alma de joelhos,
no geito familiar mais empregado
para conversar entre amigos velhos.

Iamos ao Lyceu de Pedro Nunes,
os dois... E que alegria, rua fóra!
que travessuras épicas... e impunes
não fiz então e não recordo agora!

Ousadas excursões, batendo ás portas
e fugindo aos porteiros iracundos;
galgando ruas ingremes ou tortas
como quem descobrisse novos mundos;

dando «pinhões» a incautos companheiros;
tendo um calado panico ao policias;
resumindo em caprichos lambareiros
os maximos desmandos e delicias;

Rogando pragas ao systema metrico;
vendo em cada feriado pão com mel;
andando a pé para poupar no electrico
e comprar soldadinhos de papel...

que saudade, confesso! E olha que ás vezes
—meu pobre Luiz!—pezava-se um boccado
transportar o maior dos portuguezes
dentro da minha malla de oleado!

Deu-me no gotto essa coroa altiva...
De raivas cheio, de inventivas falto,
raspei-a untando um dêdo com saliva.
Pintei no logar della um chapeu alto.

Com arrogancia e tinta de escrever
—por desafôgo a desesperos mudos—
á falta de peor para fazer
dei-te uns grandes bigodes façanhudos,

Na testa,—nessa testa larga e nobre,
berço de tantos sonhos esquecidos—
desenhei—sinos! Badalae um dobre!—
desenhei dois objectos retorcidos.

Ficaste reduzido a um borrão
a uma impenetravel mancha escura!
—Não no meu innocente caração.
Apenas no meu livro de leitura.

Bem vês. Eu era ainda uma creança.
Tinha mais caracois do que illusões.
E estou a ver a ingrata contradança
em que te analyzava as orações;

não te entendia os vôos superiores
por outros altomente proclamados,
e achava uma legião de maçadores
as armas e os varões assignalados...

Depois, cresci. Senti que nos teus versos
havia na verdade algum talento,
lenda, poesia, amor, echos dispersos
de Gloria, de Ambição, de Sentimento...

Senti que eras... O genio.—Agrada o termo?
Escolho-o com cautéla; olho-o, computo-o,
não vão alguns imaginar-me enfermo
a arder em febres de elogio mutuo!

Porisso meço o mal que fiz. Mas sinto
que assim o resgatei completamente.
Não sei se isto é vaidade, ou se é o instincto
de quem sabe o que sabe e o que sente;

e recordaddo tanto desacato,
—para me desculpar,—acho de sobra
pensar que o mal que eu fiz ao teu «retrato»
outros o vão fazendo á tua obra...

TAÇO

ECOS

Foot-Ball

Viemos uma destas noites, no rapido do Porto, com os jogadores do Belenenses que ali foram jogar. Este grupo, que tem marcado uma bela situação nos port nacional, vinha desiludido. Que á saida os seus homens tinham sido insultados torpemente, cuspidos, ameaçados, como se se tratasse de bandidos. Se assim é, onde está então o espirito desportivo? Para que sitio fogem nessas ocasiões as mais belas caracteristicas de sport—a lealdade e a nobreza?

Em sport puro, perder e ganhar são factos secundarissimos. Fazer sport, eis tudo!

Perder, é muitas vezes belo. Saber perder com nobreza é infinitamente mais valioso em «sport» do que saber ganhar, mesmo com nobreza. E é mais valioso—porque é mais dificil, embora pareça paradoxal.

Emquanto o nosso foot-ball for, apenas, um jogo de pés, por muito estranho que isso pareça, não daremos para a frente um passo.

* * *

A proposito do belo grupo maritimo dizia-se esta blague:

Se ele não ha de saber «guardar redes,» sendo maritimo...

Uma excursão de jornalistas a Paris

A convite da Société des Amis des Lettres Françaises, realisa-se no proximo dia 21 uma excursão de jornalistas a Paris, na qual seguirão, entre outros senhores: José Sarmento, Luiz Derouet, Avelino de Almeida, Antonio Ferro, Alvaro de Andrade, Aprigio Mafra, dr. Beirão da Veiga, Nogueira de Brito, Augusto Pinto, Jaime Brazil, etc.

O *Domingo ilustrado* far-se-ha representar por um seu director.

questão prévia

Lisboa, cidade feminina por designação e na sensibilidade, participa da versatilidade propria do genero. Tão depressa é bramidora, como leôa parida; tão depressa é meiga, como ovelhinha desmamada. Ou fabrica bombas e ciladas, envergando de odio os olhos, que afinal não são feios, ou estrebucha em histerismos mais que suspeitos, aclamando nas ruas os homens em quem pressente dominio e virilidade.

Talvez seja exagero dizer que quem surge ou aclama é Lisboa. Estes extremos são, em setecentos mil habitantes, uma percentagem relativamente avultada. Entre eles, porem, mole e baça, oscila sem rumo uma parte consideravel da população, gelatinosa como uma alforreca, sem ideais de redenção pela bomba ou pelo messianismo, bem mais antipatica, todavia, porque resume desprendida e covardemente o seu programa de vida nesta expressão, que eu já nem peço que me desculpem, tão frequente é topa-la no seio das familias: «não me chateiem!»

* * *

No dia da parada, algumas vozes gritavam convictas, para o general Gomes da Costa: —Viva o salvador de Portugal!

O velho militar, que na palavra rude e simples com que expressa seus juizos praticos se tem mostrado possuido dum magnifico e rarissimo senso, devia ter pensado com os botões de sua farda:—Se eles já me chamam salvador e eu ainda não salvei, sequer, com vinte e um tiros, o que me chamarão eles, se alguma vez realiso o programa de felicidade por que me levantei com a tropa e que trago no trem regimental?

Ah, meu general, nesse dia em que deixar de lhes prometer por lhes ter dado, insaciaveis e inascidos, eles chamar-lhe-hão salva-vida, salva-brava, salva de prata, tudo, menos salvador. E se o general persistir em lhes restituir um Portugalzinho são e escorreito, sem mazelas e gordinho como os seus netos, então eles, os que hoje o aclamam, fartos de o vêr triunfar, hão-de chamar-lhe, ainda que em voz baixa, «tirano», «despota», e outros qualificativos de artigo de fundo de jornal da oposição.

* * *

O general conhece, sem duvida, a historia daquele cavalheiro que foi visitar um amigo, a quem uma doença grave tinha posto mesmo ás portas da morte. Sabendo muito bem que a obrigação de quem pratica a obra de misericordia de visitar os enfermos é alegrar os que jazem no leito, criando-lhes um ambiente de despreocupação, mas informado pela familia do doente de que o desgraçadinho já entrara no estertor, o nosso homem não hesitou e da porta do quarto, vendo o amigo de olho vidrado e respiração gormosa, resumido nos lençois, não se conteve que não largasse:

—Com que então, agonisante, hein?

E' evidente que o pobre diabo dizia isto para animar o enfermo.

E' o que comigo acontece, ao referir as impressões que atraz ficam apontadas. Nem isto é para desanimar, nem o general é pessoa de desanimar, mas lá que para o povo os militares do governo perdem a graça toda, quando começarem a resolver os problemas de governança em vez de passarem revista ás tropas, d'isso não devem restar duvidas a ninguem, a começar pelos governantes.

O general me dirá, quando já houver estradas e outros assuntos da casa estiverem arrumados, se o aclamam nas ruas ou sequer mostram conhece-lo aqueles a quem agora, para o compelirem a vê-lo, lhe chamam a plenos pulmões o «salvador de Portugal». Já conheci uns poucos a quem os proprios que lho chamaram nunca lhe permitiram que o fosse.

OS INVENTORES

—Meu caro amigo, fiz um grande invento, que vae fazer barulho...
—O que é?...
—Um motor silencioso...

HUMORISMO

crónica alegre

PALAVRAS, PALAVRAS...

DEIXEMOS aos politicos profissionais e interessados o cuidado de fazer sobre o futuro da situação politica as previsões que, em boa verdade, melhor competiriam ao conceituado astrólogo Rabestana. Limitêmo-nos a observar os factos e, quando êles sejam de molde para isso, a tirar dêles, se não conclusões que podem ser faliveis, pelo mênos um pouco de bom humôr.

Conto — e creio ser esta a opinião de toda a gente — o almirante Gago Coutinho dentro do escasso quarteirão de pessoas que, em Portugal, têm os miólos no seu logar. Foi a alma ponderada e sábia dum dos mais bélos cometimentos da gente portuguêsa. O seu nome ficará perpétuamente na Historia e, no entanto, todos sabemos quanto o horrorisam as formas exteriores da popularidade. Sendo um grande homem, é tambem presidente duma comissão de cartografia do Ministério das Colónias. Ao que parece, não são cousas incompatíveis. Como cartógrafo colonial assistiu á posse do general Gomes da Costa no citado ministério.

A certa altura do seu discurso, o chefe do ultimo movimento militar descobriu entre o auditório o glorioso marinheiro e, indo buscá-lo e trazendo-o para junto de si, disse-lhe, segundo résam os jornaes, entre outras cousas:

— «No dia em que me vir fazer asneira, diga-mo, porque me vou embora...»

Hão de concordar que isto pode vir a ser muito engraçado. Todos nós contamos que o general Gomes da Costa não se terá dado ao incómodo de mobilisar o exercito portuguez para ir fazer tolices na governança publica. Mas errar é condição humana — desculpem-me não diser isto em latim — e vamos que o general faz asneira. Tudo é possivel neste mundo. Estão vendo daqui a scena.

O nosso almirante, ao acordar na sua casa tranquila da Esperança, põe os óculos para ler o «Diário de Notícias». A certa altura, franze o sobrôlho.

— O' diábo! Têmos asneira, que me parece gôrda...

Lembrando-se das palavras do general, ei-lo que almoça um pouco á pressa e, tomando um electrico modesto no Conde Barão, pede um bilhete de quinhentos para o Terreiro do Paço. Chegádo aí, sobe a escadaría do ministério.

— Diga ao snr. general que está aqui o Gago Coutinho. (O almirante suprime sem o menór esforço os seus títulos mais legitimos).

Poucos minutos depois é introduzido.

— O' Gago Coutinho! (O general suprime por bonhomía os titulos dos outros) Você por aqui? Então que ha de novo?

— Ha que V. Ex.ª, snr. general e meu presado amigo, fez asneira e, como me pediu, ha tempos, que o prevenisse, quando tal viesse a suceder, afim de se ir embora, eu, cumprindo os deveres da alta confiança em mim depositada, venho avisá-lo de que seria bom mandar para o *Diário do Governo* a sua demissão...

E aqui, de duas uma...

... Ou o general Gomes da Costa falava com convicção no dia da sua posse de ministro das Colónias e, perante a afirmação do almirante, responderá apenas:

— Bem... Você é pessoa do meu inteiro respeito. Se me diz isso, é porque é verdade. Palavra de general não volta atraz. Digam ao continuo que pode mandar o automovel embora. Regresso de electrico á minha anterior situação.

... Ou o nosso general disse aquilo como tem dito outras e várias cousas: um pouco no ar. Então, mandando puxar cadeira ao almirante, tentará demonstrar-lhe que a asneira afinal não é asneira, etc. Gago Coutinho dará os seus passos por baldados e, encolhendo os ômbros, sairá lastimando o ter-se incomodado para cumprir um dever de consciencia.

Nas suas costas, o general dirá para quem mais perto esteja:

— Este Gago Coutinho é uma pessoa esperta para a navegação aérea; mas disto de governar em terrenos de infantaria não entende nem patavína.

SÊDE

— Então o senhor só me dá dois tostões para eu beber uma pinga?...

— Com a chuva que está, você não deve ter muita sede...

VICTOR HUGO E EU

Ouvi comtar que, um dia, Victor Hugo, no apogeu da sua glória literária, teve de entrar em certa repartição publica francêsa por causa dum passaporte. Um senhor funcionário, instalado por detraz duma secretária coberta de papelada inutil, levantou os olhos para êle e, quando o poeta supunha que a sua figura popularisada por todas as ilustrações o ia fazer reconhecer, foi de absoluta indiferença o olhar que nêle pousou o manga d'alpaca. A certa altura e tendo ouvido a pretensão do autôr de *Ruy Blas*, perguntou com ar aborrecido:

— Como se chama?

Victor Hugo antegosou o efeito que ia produzir e com uma voz de bronze clamou:

— Victor Hugo!...

O funcionário nem pestanejou e limitou-se a indagar:

— Sabe ler e escrever?

Aquêle que escrevera *Napoleão, o pequeno* abalou furioso porta fóra. Citava este caso como uma das poucas humilhações da sua vida e das mais penosas.

Ora, ha quinze dias, tive de ir á Camara Municipal solicitar um documento. Um continuo muito importante a quem me dirigi explicou-me, pelo amor de Deus, que eu tinha de requerer e acrescentou:

— Hoje já é tarde. Venha amanhã mais cêdo e traga papel selado...

Aqui o homensinho mirou-me dos pés á cabeça e não sei que me encontrou para me perguntar com ar desdenhoso:

— Vocemecê sabe escrever?

Ia a dizer que sim; mas, metendo a mão na consciencia, não me atrevi a mentir e respondi:

— Quem me déra! Mas faço toda a deligencia para aprender...

O homem encolheu os ômbros e concluíu:

— Apareça amanhã que tudo se ha-de arranjar...

Pela escada abaixo lembrei-me da historia de Victor Hugo, que, como vêm, difére seu tanto da minha, visto que não proferi o meu nome. Resta-me, ao mênos, essa consolação.

HISTORIA MILITAR

Deve ser capitão já antigo um camarada, que, ao tempo aluno da Escola do Exercito, estava fazendo exame de Historia militar e estendendo-se como uma arrôba de feijão carrapato.

O lente, que muito desejava aprová-lo, tratava de o ajudar e perguntava:

— Vamos... Diga-me quem foi o general vencedor!

E, como o senhor aluno continuasse em silencio...

— O' senhor!... Um general que tem uma estátua pela qual passamos quando descemos a Rua do Alecrim..

Aqui foi o raio de luz...

— Eça de Queiroz! bradou o cadête radiante.

ANDRÉ BRUN

PRIORIDADE

— Meu caro senhor, eu não me bato com o primeiro cavalheiro que aparece!...

— Mas eu não fui o primeiro — eu tenho um irmão mais velho...

Curiosidades

Volta o reinado do leque...

VOLTA o calor... Viva o leque! Ao contrario do que á primeira vista parece, o leque não é um objecto anacrónico, em relação á época... A' nossa época de velocidade, em que se anda sempre numa roda viva, a correr, agitando o ar, parece que não faria grande falta esse instrumento a que, insensivelmente, associamos um caracter de futilidade e a idéa de passatempo, de cousa que serve apenas para matar o tempo e o aborrecimento. Quasi sempre uma senhora recorre ao leque quando não sabe o que ha de dizer nem fazer, quando está indecisa... Ora a época é de acção, de iniciativa... Realmente, o leque já não teria razão de existir, se não fosse, sobretudo, um pretexto decorativo, um detalhe indispensavel num scenario de «club» mundano ou de «soirée» diplomatica. O leque já não tem, como no seculo XVIII, uma expressão amorosa, alegre, triste, distraida; já não tem a eloquencia dum simbolo. Mas vale ainda como complemento de «toilette», como nota de harmonia e de elegancia, como recurso de grande costureiro. Perdeu o seu significado moral... Já não tem alma... Mas é ainda um lindo corpo, que se une ao corpo duma linda mulher e que, reduzido ao seu papel de comparsa decorativo e indiferente, já não recorda sequer a sua historia onde ha horas graciosas e tragicas...

E' opinião corrente que o leque nasceu em terras orientais, nas Indias fabulosas, onde as folhas das palmeiras, bananeiras e lotus começaram a ser utilizadas para agitar o ar, para abanar... O Egipto dos Faraós adoptou os leques de penas de avestruz e nas esculturas dos palacios de Ninive vêem-se escravos abanando os reis e os nobres com pequenos leques quadrados. Na Suecia e em Roma foram um indispensavel adorno das elegantes e, a ajuizar pela pintura dum vaso doirado que existe na biblioteca do Vaticano e que remonta ao seculo IV, tiveram, em certa época, a forma de bandeiras ou ventarolas rectangulares, com o cabo numa extremidade...

Os leques que se podem dobrar são muito mais modernos e são de invenção japoneza. A China e o Japão são a patria tradicional dos leques, objectos indispensaveis a todos os homens e mulheres que se presavam. Constituiam parte integrante do trajo nacional e serviam para expressar mil sentimentos. Havia os leques de guerra, de justiça e de perdão. Um leque, colocado numa bandeja de forma particular, dava parte, ao criminoso, da sentença condenatória ou do perdão.

Objecto de caracter futil, o leque figura em scenas historicas e dramaticas: a Condessa de Essex, de Inglaterra, ao ouvir a sua sentença de morte, cobriu a cara com o leque, para não mostrar as suas feições, desfiguradas; em 1774, a rainha da Suecia instituí a Ordem do Leque; Carlota Corday deixou cair o leque, no momento em que segurou o punhal com que assassinou Marat; em 30 de Abril de 1827, o rei de Argel, encolerizado, bateu com um leque no consul francês, recusando-se depois a pedir desculpa, o que teve como resultado a tomada de Argélia pelos francêses. Durante parte da Idade Média, o leque assumiu um caracter sagrado e viveu na penumbra dos altares; a sua significação religiosa estava envolvida em tal misterio que, segundo as crónicas rezam, um nobre que tomava ordens e se atreveu a revelar o segrêdo do leque a uma mulher curiosa foi implacavelmente condenado á morte. Ainda hoje, em certas solenidades, o Papa leva á sua frente dois magníficos leques de penas de pavão real, colocados na extremidade de grandes paus doirados.

Só no século XIII as damas se atreveram a usá-los em França, mas a grande voga dêsse adôrno feminino foi no tempo de Catarina de Medecis, que pôs em moda os leques ovais, feitos de penas de pássaros raros, e que se usavam prêsos á cintura por fios de ouro ou de prata. Com Luiz XIII, XIV e XV, houve os leques—obras de arte, com varetas onde se admiravam pinturas de mestre; Walteau, Boucher, Laucret, assinaram algumas obras primas sôbre as varetas dum leque. Maria Antonieta e a princesa de Lamballe tiveram leques maravilhosos de belesa e graça, mas foi no seu tempo que principiaram a aparecer os leques politicos, alguns insidiosos, outros obscenos.

Em 1871, a rainha Victoria promoveu, em Londres, uma exposição e um concurso de leques, sendo desde então que a pintura dêstes se vulgarizou imenso na Inglaterra, onde existe, no museu de South-Kensington, uma das mais valiosas colecções.

O leque tem um papel primacial em muitos quadros celebres; basta recordar a tela de Falguière—«O leque e o punhal»—que está no museu do Luxemburgo, e a tabua de Zuloaga—«A dama do leque»—que se admira no museu de Barcelona.

A TURQUIA OCIDENTALIZA-SE

Em Stambul, Angora e Constantinopla, vão ser inauguradas estatuas a Kemal Pachá. Uma dessas estatuas é obra do grande escultor vienense Henrich Krippel e está sendo fundida em Viena. Os monumentos a Kemal Pachá serão as primeiras representações humanas de arte estatuaria introduzidas em países islamicos. A interdição religiosa dessas representações tem ido afrouxando e, recentemente, a Escola de Belas Artes de Constantinopla inaugurou uma aula de escultura de nu, acontecimento extraordinario dentro da Turquia tradicional.

UM NOVO TIPO DE EMBARCAÇÃO

Nas cidades e vilas alemãs situadas perto de rios alcançou grande sucesso um novo tipo de barco de recreio, feito duma tela impermeavel, cheia de vento. A embarcação é tão leve que um só homem a pode transportar com a maior facilidade. De todos os tipos de barcos conhecidos, êste é o mais leve e talvez o mais cómodo.

O PROBLEMA DA CIRCULAÇÃO

Os *policemen* de Londres ameaçaram fazer greve, recentemente, se os obrigassem a continuar com o uso dos apitos, para regular a circulação nas ruas. Alegaram que nenhuns pulmões aguentam êsse exaustivo esfôrço. Para resolver o caso, foram adoptadas umas sereias mecânicas, de manejo fácil e de som estridente.

UM «ORDENHADOR» ELÉCTRICO

Numa exposição de máquinas agricolas, inaugurada há pouco em Berlim, chamou vivamente a atenção um aparelho eléctrico, graças ao qual, em escassos minutos, pode obter-se o leite de varias dezenas de vacas.

UM RELÓGIO ÚNICO

Oswvaldo Schults, depois de três anos de estudo, iniciou um trabalho formidavel, no qual veiu a gastar dezoito anos. Tratava-se da construção dum imenso relógio astronómico, composto de dezoito máquinas com um total de 458 rodas, que imprimem movimento umas ás outras. Os intuitos dêste paciente artista relojoeiro não foram os de copiar ou imitar o que já pode ser admirado noutras cidades, mas realisar uma obra única para a cidade de Berlim, obra que pode ter a pretensão de ser dum máximo valor scientífico e prestará valiosos serviços á Universidade e outros institutos pedagógicos.

OS HOLANDEZES E AS VACAS

Os holandezes afirmam que, na sua pátria, há uma vaca por cada habitante. Um comentador espirituoso acrescentou que tambem deve haver, pelo menos, meio moinho por cada habitante...

UMA CÉLEBRE CANÇÃO INGLESA

Não há ninguem de mediana cultura que não conheça a célebre canção inglesa do «Home, sweet home», do «Lar, lar, doce lar», canção inevitavel em tôdas as selectas escolares inglesas. Essa canção, talvez a mais popular da Inglaterra, é o trecho duma opera chamada «Clari, ou a donzela de Milão», hoje completamente esquecida. A música da opera é de Sir Henry Bishop, mas a letra da canção pertence a John Howard Payne, que nasceu, de facto, numa poetica e doce casa de campo. No passado dia 8 de Maio celebraram-se as festas do centenario da estreia da opera.

O ALCOOL E A CÔR DAS FOLHAS

O alcool não tem só a particularidade de mudar a côr do nariz; muda tambem a côr das folhas e é êle que dá causa ás poeticas folhas amareladas que tombam no outono... Pelo menos assim o afirmam dois naturalistas norte americanos, os snrs. Hibben e Zahour, que, depois de várias experiências, descobriram que durante o verão as folhas absorvem noventa por cento da luz do sol, ao passo que, no outono, absorvem uma percentagem muito menor. A falta de luz detem o crescimento da folha e faz com que esta fermente; o alcool assim elaborado absorve-lhe os seus elementos verdes e faz sobressair os pigmentos vermelhos e amarelos... Está tudo explicado. «Eis a razão por que a menina é muda», como diria um personagem de Molière...

UM CÁLCULO MACABRO

Calcula-se que todos os anos se gastam na construção de caixões para os chinêses mais de dois milhões de metros de taboas.

NOMES DE PAÍSES

«Austria» significa «terra oriental», e chamou-se assim á região que ficava a leste dos domínios de Carlos Magno. O «Brasil» ou «país do brasil» significa país rico em «pau de campeche», pau de cor vermelha, por isso chamado «pau de cor de brasa», «pau de brasa», ou simplesmente, «brasil». «Ceilão» quere dizer «ferra dos leões». Chili significa «país frio» e é um nome de origem india. «Deuschland» ou Alemanha significa «terra de gente». «Japão» ou «Nipon» quere dizer «reino do sol nascente». «Mexico» equivale a dizer «terra de Mexiteli», que é o nome do Deus da guerra dos «aztéques». «Paraguay» é uma palavra indiana, cujo significado parece ser o de «terra das aves aquáticas».

LAGO VERMELHO

O lago Morat, na Suissa, aparece vermelho de dez em dez anos, em consequencia do desenvolvimento de uma planta microscopica que só floresce ao cabo de tão extenso lapso de tempo.

cá por dentro

A futura epoca do Teatro Nacional

O sr. dr. Mendes dos Remedios, novo ministro da Instrucção, tem ideias assentes sobre o que convem á casa de Garrett. O conselho teatral vai já ser ouvido sobre a nomeação do novo administrador, que será, por unanimidade de vistas entre os elementos interessados o sr. Bento Mantua.

A proposta do gremio dos artistas, em conjunção com a da sociedade dos escritores, será imediatamente posta em execução, havendo em Setembro as primeiras reuniões para apreciação dos requerimentos de artistas da nova Sociedade. O edificio do Teatro Nacional entra em obras de pintura e limpeza, bem como de instalações electricas, em Agosto, com um emprestimo da Caixa Geral, sobre o rendimento do imposto da proposta Gaio, já assegurado, sendo tambem neste mês reguladas as condições de admissões de peças, para os dramaturgos terem tempo de se preparar até 11 de Novembro, data da abertura oficial da temporada. A apresentação dos societarios é a 1 de Outubro.

Aos criticos de todos os diarios de Lisboa e Porto será endereçada uma circular para se pronunciarem sobre as peças de teatro estrangeiro a representar-se, as quais serão entregues para tradução a escritores de reconhecido merito ou a tradutores consagrados.

Nas obras a representar serão incluidos na rubrica espectaculos classicos as grandes obras da dramaturgia nacional e estrangeira, com montagens completas.

Nessas montagens far-se-ha o «roulement» dos artistas que se têm distinguido, e nas principais abrir-se-hão concursos, para cuja classificação se escolherá um juiz idoneo.

Nas peças historicas intervirá, pela respectiva secção a Academia das Sciencias, de forma a assegurar um trabalho sério de reconstituição.

Haverá sempre, dos espectaculos classicos três audições gratuitas, sendo uma em «matinée» e ao Domingo. Têm preferencia na entrade os estudantes e os operarios.

. . . .

Estamos em Outubro. Tendo caido o ministerio, não foram avante os planos do ministro anterior. Um grupo de artistas desempregados pedem para lhe ser cedido o Nacional. Concedido. A primeira peça a ir á scena será o «Ramboia», tradução de «Tu e Eu».

Teatros fechados

Chegou a haver ha dias uma reunião de emprezarios, tendo ficado assente o encerramento da quasi totalidade das casas de espectaculos. Era isso uma medida de largo alcance higienico.

Os teatros reabririam, far-se-hia uma selecção precisa, e com isso todos lucrariam.

O publico—já o temos dito—divide-se em três classes. O alto comercio, que é quem frequenta o teatro declamado. O operariado e as classes menos cultas, que vae á revista. A chamada élite, que vai aos cinemas da moda e ás companhias estrangeiras. Qualquer exploração tem que nitidamente dirigir-se a um caminho destes. O peor é quando se perde nesse caminho...

Um concurso

O «Domingo ilustrado» abrirá brevemente um grande concurso, cuja preparação está sendo feita pelo revisteiro Barbosa Junior, e que se destina a um exito enorme nos meios musicais e teatrais.

ACÊRCA DOS MILAGRES E COISAS PARECIDAS

—UM médico meu conhecido anda ha mais de cinco anos a tratar certa velha duma maleita qualquer. Ou porque a velha não tem concerto ou porque o senhor doutor não acerta com a racha do parafuso o caso é que a doente não melhora. O peor é outra velha conhecida déla e possuidôra duma doença muito parecida ter ido a Fatima e regressado sã como um pêro. A primeira não se farta de lançar em rosto ao médico a sua ignorancia e êle dizia-me ha pouco, furioso:– «Isto de milagres é que estraga a medicina. Deviam ser proibidos.» Ora eu penso que os milagres tambem estragam o teátro.

—Ha milagres no mundo dos bastidores?

—Pois ha. Vou contar-lhe um. Certo empresário tencionava abrir a sua época com determinada peça. Não lha fizeram os autores e, quando o empresário se arrepelava, êles, para o calarem, adaptaram em meia duzia de dias uma comedia francêsa em que não tinham a menor esperança. A peça subiu á scena, cogitando a emprêsa em que embaraços se ia vêr quando, quinze dias depois, tivesse de mudar o cartaz. Pois a peça, que todos reputavam pessima, foi duzentas e trinta vezes e nunca mais se ensaiou nada de novo, senão no final da época. Ora um milagre destes, sendo duma grande felicidade para o empresário, é terrivel para o teatro...

—Não compreendo...

—E' muito simples. Antigamente abriam-se as épocas com um plano completo de trabalho. S. Luiz de Braga chegava a ter no seu calendario as datas fixadas para as primeiras, datas de que raras vezes se afastava. Tinha no escritório as suas peças por ordem, estudadas, distribuidas, etc. Hoje é corrente abrir-se uma temporada com uma peça escolhida e pronta a ensaiar. A ordem das que se seguem é o producto dos mais desencontrados e inesperados factores. E a quem não concorde com este método de trabalho, do qual saem em geral asneiras formidaveis, responde-se citando os taes milagres e acrescentando:—«Temos só esta peça, mas quem sabe se ela irá duzentas vezes...» Infelizmente, assim como de mil velhas que vão a Fatima só uma de lá volta bailando o fandango, de cem peças que se atiram para a bôca de scena trez ou quatro apenas levam mais dum mez a mastigar...—Mas, então supõe que um reportorio escolhido com cautela e ponderação tem, por isso, mais probabilidades de agradar?

—Supônho, e no dia em que deixar de o supôr e puser de parte a nossa bôa e velha amiga Logica, para acreditar em hipoteses e fantasias, é que estarei total e definitivamente idiota.

—A Lógica tambem se engana...

—Isso é um boato, que os empreiteiros de milagres fazem correr. E' fálso, como todos os boatos. Quem engana são os inesperados golpes de sorte. Querer fazer dêles regra é construir na areia.

—Pois sim. Vá conversando. O grande caso é que setenta e cinco, que digo eu, noventa e cinco por cento dos negocios do teátro são feitos assim.

—Por isso êle caminha tão bem e é tão fácil ser-se empresário...

A. B.

comentarios

Os caloteiros no Teatro

Por muito lamentavel que o caso seja—é uma verdade. Apontam-se a dedo aquelas emprezas que honram os seus compromissos, pagando integralmente e o estipulado com os seus varios fornecedores.

Entre estes, os que mais sofrem o calote são os scenografos.

O seu trabalho é sempre pago tarde e a más horas, e vêm-se obrigados a mendigar os seus honorarios como se fossem simples comparsas da vida scenica.

Ha tempos, uma Empreza de Lisboa, e generosamente mais não dizemos agora, para se lhe não pôr já o dedo na ferida, encomendou varias scenas a um artista. Utilisou-as, a peça deu uma serie grande de representações, e o trabalho não foi pago ao scenografo. Tudo isto como se fosse o caso mais natural deste mundo.

Quando o artista procura receber o dinheiro e entra por uma porta, o gerente esgueira-se por outra.

E' este o truc teatral. Quer dizer: seriedade comercial, de Empreza constituida legalmente, é coisa que se aponta a dedo no nosso teatro. Seria curioso que a Associação dos Emprezarios procurasse rodear de prestigio os seus socios de forma a evitar no seu seio quem não tem sob este ponto de vista uma conduta impecavel...

Diversas

Na festa de Alvaro de Andrade, hoje, no Trindade, Lina Demoel cantará com a musica do «couchez-tu donc chez ta tante» um numero de Vasco de Matos Sequeira.

—Ilda Stichini representará brevemente, com Alexandre de Azevedo, a nova peça de Victorino Braga «Inimigos». A mesma actriz fará a «Mademoiselle Josette, ma femme».

—A peça «os Ultimos» de Francisco Lage e João Correia de Oliveira, é um estudo da moderna sociedade lisboeta.

—A companhia Gil Ferreira estreia no Gymnasio, de novo, em Outubro.

—Dentro dum mez estreia-se no Politeama «O Arroz de 15»

Fala-se no ingresso, em representações de Adelina, nessa companhia, sabido que a grande actriz tem feito com enormissimo sucesso ha muito tempo o genero comico.

—Actualmente têm peças que não estão entregues, os seguintes autores dramaticos: Vasco de Mendonça, Lage e Correia de Oliveira, Selvagem, Tito Martins, Acurcio Pereira e Luna de Oliveira, Feliciano Santos e Leitão de Barros, Afouso Gaio, Ramada Curto, Chianca de Garcia, Faria de Vasconcelos, Jaime Cortezão, Americo Durão e Rodrigues Alves.

—A frsta de despedida de Lucinda Simões realisa-se com a primeira e unica representação duma peça da autoria duma senhora da Sociedade.

—O actor Joaquim Almada pensa na organisação duma excursão de artistas dramaticos a Paris, sob o patrocinio do Gremio dos artistas.

—Intitula-se «Papo Sêco» a revista que a Companhia Erico Braga representará. Nela colaboram um antigo revisteiro de nome, um critico teatral muito conceituado e um dos mais brilhantes jornalistas modernos.

—Alguns emprezarios teatrais pensam em conceder entradas nos seus teatros aos portadores das carteiras de profissionais da Imprensa.

No Porto já assim sucede.

S. Luiz — Fechado temporariamente.

Gymnasio — «O Celebre Pina», grande sucesso de gargalhada.

Avenida — Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

Politeama — Sessões cinematograficas e variedades.

Nacional — Grande sucesso da peça «O Antepassado»

Trindade — Companhia Lucilia Simões—Erico Braga «O homem das 5 horas».

Apolo — A peça o «Santo Antonio» magnifico desempenho de Rafael Marques.

Eden — A aplaudida revista «Fox-Trot».

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A novela dum recruta que veio "Sobre Lisboa"...

Ha um incidente verdadeiro nesta pagina cheia de movimento, de interesse e de acção, onde a par dum vigoroso descritivo se conta todo um pequeno romance.

AQUELA Leocadia San Tiago foi sempre maluca!

Já nessa partida com os marinheiros dos cais de Napoles eu fiquei com a impressão de que a sua figurita espevitada, magra, seca como uma porcelana de Compenhague, tinha alguma coisa de imprevisto e albergava um cerebrosinho mais imprevisto e mais extranho ainda.

Nas reuniões mundanas do alto pirismo lisboeta e onde Leonor pontificava com o seu «tic» parisiense de «rafinée» civilisada, chegaram mesmo a rosnar-se umas coisas torpes—mas a verdade é que a Leocadia não tinha ainda tido um amante oficial, conhecido, reconhecido, com cartaz.

Aquele caso complicado com o «chauffeur» tinha sido uma mera «chantage». Ela propria, uma tarde, nas corridas de cavalos, o chicoteou, quando ele quiz á força, já despedido, meio ebrio, subir para o volante do carro que ela mesmo guiava.

* * *

Uma destas tardes doiradas—3.ª feira—a Leocadia, guiando lesta o seu Moris negro, deslisava nas molas ricas do carro, sobre a placa alcatroada da Avenida da Republica.

Desmontava-se o coreto da parada militar, e, aos grupos, recrutas dos regimentos da provincia—o 7, o 9, o 22, o 11, andavam aos bandos, pasmados, correndo a cidade de lez a lez, querendo levar bem nos olhos para as narrativas dos serões monotonos da provincia todo o quadro de «feerie» e de luxo desta pobre, melancolica Lisboa.

Ao fundo da Avenida, no viaducto do Campo Pequeno, Leocadia fez estacar o carro, na curva apertada.

A' sombra, estendido na relva fôfa, sereno e fatigado, estava um recruta...

Era um rapazinho de cara redonda como uma maçã, a cabeça á escovinha, o classico «ratinho» das nossas Beiras, pequeno, lapuz, patudo como um cachorro de bôa pinta, o ar ingenuo dos pastores da Serra, e tendo decerto nos seus olhos a côr lactea e azul da bôa gente do campo que olha muito o ceu... Leocadia apeou-se...

Não havia ninguem em volta.

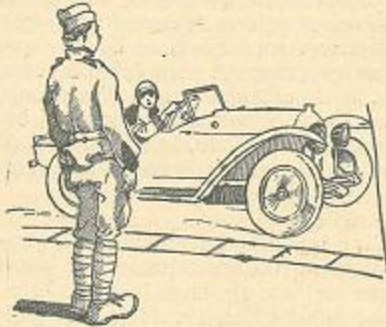
Um extranho capricho, mais,—uma generosa curiosidade a invadiu.

Foi até junto dele, e ficou um instante a olhá-lo.

Ela, com o cabelo á «garçonne», perturbada ha tanto de civilisação e de luxo, conhecendo sempre os homens meio curvados e sorridentes, no brilho das festas ou na elastica «souplesse» dos desportos, sentia uma ternura especial por aquele pobre animalzinho que lhe parecia inofensivo como o seu pequeno «pomerania»—e que ali, ao fresco duma arvore, dormia profundamente a sua sesta na avenida, como se estivesse na charneca...

* * *

Levou a mão á sua malinha de coiro vermelho e ia a tirar uma nota para lhe entalar na farda—quando o rapaz abriu os olhos—dois olhos vivos, negros, espertos, redondos como vidrilhos humidos.

Fixaram-se os dois, embaraçados.

—Xaberá a menina que xo tenho bisio andar os oitros...

Mas o rapaz levantou-se logo, a compôr-se, muito vermelho, deixando ver no seu claro sorriso uma fieira de dentes frescos como jaspe.

Leocadia voltou até ao carro, mas, de repente, virando-se para traz, disse-lhe:

— Tu nunca andaste de automovel?

—Xaberá a menina que xó tenho bisto andar os oitros...

—Pois se quizeres dar um passeio vem dahi!

O rapaz baixou os olhos, enleado, a torcer nas mãos o seu boné de recruta:

«Vá a brincadeira da menina...

—Já te disse, se queres vir, vem... Vá! Sobe para o carro!

—E canto custa?

—E' doido! Não custa nada! Sou eu que te convido. Has de dar uma volta comigo, pela Baixa, ao lado de mim!

—Ai, nan custa dinhêro?! Então cá o magala aproveta, menina. Isso é que c'os rapazes van ficar danados!... E aonde está o cochero?

—Vá, sobe! Sou eu mesma que guio.

—A menina? Ena! Estas mulheres desta banda são homes! S'a-té rapamn'o o cabelo! E saltou para o lado de Leocadia, os olhos a rirem-se-lhe, sem se encostar a traz, ao sentir o corpo entrar nas molas do assento, macio e fôfo...

* * *

Ao descer a Avenida, Leocadia ia a pensar: «Isto vai produzir escândalo no Chiado. Estou capaz de ir á Garrett, senta-lo a uma mesa, dar-lhe um sorvete, ou apear-me á porta do Lopes das flôres».

De facto, nos passeios, caras conhecidas voltavam-se pasmadas para Leocadia, emquanto o recruta, com um dedo em gancho, limpava cuidadosa e tranquilamente o nariz.

No Rocio, com o movimento dos carros, tiveram que parar um pouco. Dum grupo de soldados, na esquina do Nacional, gritaram-lhes:

—Ena, demanda pêso!

—Estás cuma vaidade!

Ele, esperto, respondeu logo:

—Quêm pode, pode! Quêm têm patas vai a pé!

Ela, vexada, mandou-o calar, e o carro, girou veloz, para o Chiado.

* * *

Foi um escandalo! Os intelectuais

colou-lhe a boca aos seus labios...

da Brazileira, os velhotes monarquicos da Havaneza, espevitaram-se todos. A' porta dos Davids senhoras cochichavam, e um grupo de varinos estacou, num riso claro, ao ver o contraste daquele extranho par...

Leocadia apeou-se á porta da Garrett—mas, ao ver no interior um bando de elegantes, não teve coragem de fazer descer o rapaz.

Disse então: «Fica ahi. Eu volto já». E, dentro, mandou arranjar sandwiches e bolos e tornou a sair, com um pacote... Estava vermelha, mas arrostava com os olhares escandalosos de gente conhecida. Em torno do carro havia já um circulo interrogativo e preocupado. Mas ela correu, veloz, Chiado abaixo, sem pestanejar.

—A donde imos?

—Vamos comer estes bolos, onde estavas deitado!

—Ahi! Merenda e tudo!

—Saiu-te a sorte grande...

—Mas é que saiu mesmo!

* * *

—Vá, aqui estão os bolos... podes comer.

—Então a menina não come tambem?

—Não, adeus...

—O quê, vae-se já?

—Vou, adeus.

—Nan... espere ahi...

E segurou-lhe uma das mãos. Os olhos brilharam-lhe e tinha a pele afogueada e escarlate, a boca seca.

—Nan... espere...—balbuciava, e apertava-lhe agora os pulsos, com as mãos ambas...

—Então a menina vai-se já? Nan... Nan vai... Então cá o magala fica-se parvo, aqui sósinho? Então é só para fazer pouco... Nan... Nan... E, dum repelão, dominando-a, torcendo-lhe os braços, colou-lhe a boca violentamente aos seus labios finos, tracejados a carmim, deixando-lhe a cara humida dum suor que lhe dava ás fontes um brilho macio...

Arrastou-a. Sob o esbracejar furioso, o chapelinho de seda caiu, e, descomposta, aniquilada, pálida, Leocadia sentiu-lhe o bafo quente da boca, junto á sua, e o seu olhar firme e violento, exigindo, brutal, numa revelação imprevista, coisas foimidaveis.

Quiz gritar—mas ele tapou-lhe a boca, e dominava-lhe os movimentos, apertando-a de encontro ao peito, em pragas surdas, em uivos torpes, fera a nascer, homem a revelar-se na sua mascara imberbe de Santo Antonio de aldeia, rosadinho e puro...

Luctaram os dois, meio escondidos atraz do carro, na penumbra fixa da tarde que ia esmorecendo.

Socorro, socorro!—gritou Leocadia, mas o rapaz ergueu a mão para lhe bater. Ela então caiu no chão duro, amarfanhada na poeira, hirsuta, desgrenhada, convulsa, e duas lagrimas grossas e brilhantes afloraram-lhe aos olhos, a iluminar-lhe numa suplica muda a sua carinha de oval, onde os grandes olhos pintados se moviam como corolos negros de anémonas...

Ele parou. Ficou-se um momento a vê-la, ofegante, as narinas dilatadas, o coração a arfar-lhe sob a farda justa de cotim.

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8)

UMA NOVELA CULINARIA COMPLETA...

O "ABARROTARY CLUB"

Curioso dialogo, cheio de poderosa ironia, acerca do «Arrotary Club»... Para as creanças esfomeadas, e que Lisboa já tem.

O meu amigo Inocencio é duma ingenuidade pasmosa. Deve ser influencia do nome. De tudo se admira, tudo estranha e tudo o faz pasmar. Ha dias encontrei-o muito intrigado, com um jornal na mão. E tão abstracto, que se lhe não sirvo de providencia, puxando-o num gesto salvador, tinha sido vitima do niveo cacetete dum féro e rigido sinaleiro.

Muito comovido depois de vêr o perigo em que estivera, agradeceu a minha providencial intervenção e bastante impressionado pretendeu mesmo oscular-me. Demovi-o a custo, fazendo-lhe notar que estavamos em plena rua e podiam interpretar mal esse gesto de gratidão.

Interroguei-o então ácêrca do motivo de tão perigosa abstracção.

Mas Inocencio, sem me responder, olhou-me com o ar aturdido de quem regressa duma exposição cubista para que não estava preparado e perguntou por sua vez:

—Conhece um club onde se almoça?

—Conheço varios:—O Turf, o Tauromaquico...

—Não falo desses, um club onde se come; o arrotary...

—Isso deve ser no fim—objectei naturalmente.

—Não, refiro-me ao nome do Club. Mas seriamente não conhece um Club onde se almoça, com uma autentica meza constituida...

—Isso acontece em todos eles. Sem ser á meza só n'algum club fóra de portas.

—Falo da meza da Assembleia que se reune para almoçar com presidente, secretario, etc.

—Um presidente para quê?—preguntei atonito.

—Eu suponho que para conceder a palavra a quem pedir—respondeu muito inocentemente o Inocencio.

—Qual historia—protestei—será talvez para conceder os varios petiscos a quem os requisitar. O que não percebo é a utilidade de secretario.

—Pela noticia—informou o Inocencio—depreende-se que é para ir fazendo a acta.

—Não será para ir tirando a conta?

—Parece que não—continuou o meu amigo;—o que não percebo é a utilidade e fim daquele Club.

—Naturalmente, comer. Se almoçam, já não é mau... para eles.

—E vão começar tambem a jantar.

—Tanto melhor; nesse caso ficarão repletos, e se por esse andar daqui a pouco o Club fornecer tambem cama e roupa lavada, que mais quere você? É a diaria completa.

—Mas eu parece-me que eles não comem.

—Mau, então não percebo!

—Nem eu—exclamou o Inocencio;—é por isso que estou intrigado—lamentou ainda, mostrando-me a noticia.—Ora veja: «Realisou-se ontem o costumado almoço, etc., sob a presidencia do Senhor Fulano de Tal». «Lida a acta, o Senhor Beltrano, etc»; e mais abaixo: «Lido o expediente, etc». Ora o meu amigo já viu algum almoço de leitura? Ainda se dissessem: «Engulida a acta.» e mais abaixo: «Engulido o expediente». Mas assim não percebo. Alem disto, segundo refere a noticia, contam-se historias, nomeiam-se comissões, fazem-se discursos, palestras, projectos

Lindo gesto, pena não me ocorrer—disse ele numa atitude cardinalicia...

altruistas de caridade e de protecção á miseria, e nem uma virgula sobre comestiveis.

—Mas é que nessa altura, meu bom Inocencio, já se tem comido. E só então começa a funcionar o... arrotary, como você lhe chama.

—O quê? Só depois de comer se lembram da miseria e dos pobres?—exclamou ele admirado.—Pois eu precisamente quando tenho fome é que me lembro deles.

—Mas o Inocencio quando tem fome é porque não tem que comer e por isso, emquanto procura, tem muito tempo de se lembrar da grande porção de colegas que terá nesses momentos. Ora com as pessoas a que a noticia se refere, isso não acontece; quando teem apetite satisfazem-no imediatamente e sem perderem tempo em conjecturas. Você quando tem fome pensa tambem nos outros. Eles quando a teem, pensam primeiro em si, e só depois de satisfeitos fazem o laborioso chilo, pensando então no proximo. E é justo; a caridade deve começar por nós.

—Não apoiado—bradou Inocencio, parlamentarmente.

—Acho que lhe ficam muito bem esses sentimentos. Mas deixe-me dizer-lhe que nos tempos que vão correndo ninguem usa dessas prendas senão em dias de festa. E' o que lhe digo. São sentimentos que não se podem hoje trazer por casa.

—Mas veja a noticia—acrescentou o Inocencio, arvorando-se em paladino dos rotarios,—veja os fins que eles teem em vista; por exemplo:—preencher os dias, trabalhando sempre com denodo. O que não percebo muito bem é como cumprem este preceito.

—O' Inocencio, isso não parece seu! Depois dum dia passado a comer e a falar...

—A dar á lingua por todas as formas.

—Exacto; que mais quere? Parece-lhe ainda pouco trabalho? Mas estou a ver que o meu bom Inocencio está interessado. Quererá tambem entrar para socio? Não me admira. Cheira-lhe a paparoca e a cavaco e sente já pular-lhe o pé; neste caso, a lingua. Como bom português, para os grandes empreendimentos platonicos e para as grandes obras verbais, sentevocê toda a coragem.

—Gostava tambem que me dissesse,—interrompeu o Inocencio para desviar

Um Club internacional para tratar das creanças com fome...

a conversa,—o que vem a ser isto que eles vão combater; esta «taxicomania» a que a noticia se refere? Será a mania dos taxis?

—Não se trata de taxis, meu velho, trata-se de toxicos, a morfina, a cocaina...

—Percebo, são esses males que eles querem evitar. Acho bem. E é para isso que, segundo dizem, vão estar vigilantes, vão estar á cóca...

—Ou melhor, á cocaina.

—Não brinque. Olhe que deve ser um trabalho extenuante. E' talvez por isso que muitos socios não comparecem por motivo de doença. E' da fadiga.

—Qual! Deve ser de «surmenage», mas intestinal. Bem vê que um almoço daqueles, tão variado de oratoria e de petiscos, de 8 em 8 dias, deve ser de arrazar o estomago e a paciencia.

—Talvez tenha razão. Foi decerto esse o motivo por que num dos ultimos dias encerraram a sessão sem tomarem qualquer resolução definitiva.

—Isso tambem não admira; estavam tão cheios que não podiam tomar mais nada e muito menos resoluções definitivas, o que é sempre uma coisa violenta.

—Mas devemos concordar—tornou o Inocencio—que é uma ideia interessante. E tem aspectos curiosos. Tenho visto anuncios de refeições em que se diz, por exemplo:—haverá iscas ou haverá dobrada. Aqui não. Haverá palestra do senhor Fulano, discurso do senhor Beltrano...

—E', emfim, um prato de lingua como outro qualquer.

—Palavra que gostava de assistir a um almoço destes.

—Já o tinha percebido. Agrada-lhe o «menu»?

Inocencio, então, formalisado e num ar muito serio, que costuma usar, disse meio ofendido:

—Mas imagina, porventura, que eu não tenho coração? Imagina que eu não sofro com a miseria dos outros? Que não sou capaz de sacrificios pelo proximo? Que me não comovem os velhos sem abrigo, as viuvas sem recursos, as creanças sem amparo e os militares sem graduação?

—Você delira, Inocencio! Mas se ainda não almoçou!

—Tem razão; desculpe. Foi a comoção que produziu tão lamentavel engano. Mas, prosseguindo, imagina que eu não seria tambem capaz de trabalhar com gosto para o bem estar da comunidade, que não seria capaz de praticar o bem, de correr em auxilio de todas as desgraças, de socorrer todos os pobres desamparados e desprotegidos?

—Mas quem o duvida, meu bondoso Inocencio. Tenho a certeza de que você é capaz até de muito mais. E' capaz de fazer tudo isso, mesmo antes de almoçar. Porque você não precisa de se excitar com lautos banquetes para ter excelentes ideias, caridosas intenções; não precisa procurar a ternura e a bondade que nascem das refeições copiosas. Os que não estão em contacto com a miseria, só comendo bons petiscos, podem avaliar a tristeza de os não comer. Mas você não.

—Tem razão—murmurou Inocencio, comovido.—Vejo que me conhece bem.

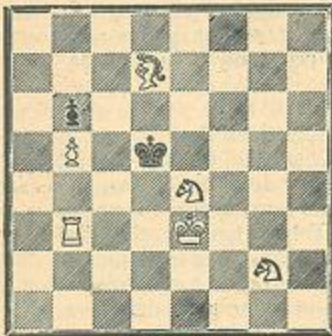
—De jingeira, meu velho. E para lhe fazer completa justiça, direi que o acho ainda capaz de muito mais.

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 73

Por Aspa

Pretas (2)

(Brancas (6)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 71

1 D. 2 D

Este problema é um bom exemplo do tema de «bloqueio-ameaça». A chave muda 5 dos mates que se ameaçavam na posição inicial.

Resolveram os senhores Nunes Cardoso, Marques de Barros, B. Leiria, Vicente Mendonça, Sueiro da Silveira, Club Portuense (Porto) e Maximo Jordão.

NOSA.—Nos problemas em 3 lances não basta enviar o 1.º lance das brancas como acontece com os de 2 lances; devem enviar-se pelo menos dois lances de todas as variantes diferentes.

A novela dum recruta que veio "sobre Lisboa"

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6)

Depois, ela abriu a bolsa vermelha de coiro e tirou um lencinho. Limpou os olhos num soluço, e murmurou:

—Aqui tem o dinheiro. Deixe-me!

* * *

O rapaz sorriu-se. Dir-se-hia que a sua expressão era outra e que, duma forma nova, a sua boca sorria:

—Muito obrigado, minha senhora... Prefiro ficar com o seu lenço—de recordação. E puxou duma cigarreira lisa, de ouro, onde repousavam os melhores Abdulos.

—Fuma?

Leocadia, trémula, tinha-se erguido.

—São Malakerinos...

«Fumará daqui a pouco. Pode guarda-la como recordação tambem... E deixando-lhe na mão o quadrilatero de ouro, onde uma corôa refulgia em ametistas escuros, fez-lhe uma continencia e afastou-se...

Só tarde Leocadia guiou lentamente o «Moris» pelas Avenidas—e á noite, debruçada sobre livros de heraldica, estudou, com lagrimas nos olhos, anciosamente, o nome e o titulo dessa corôa misteriosa...

. . . .

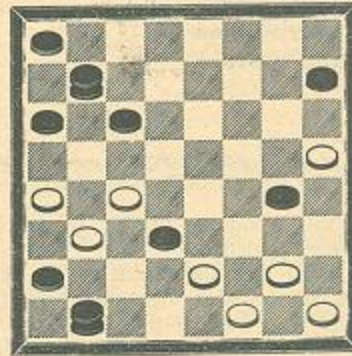
e houve um dia, mais tarde, em que, na mesma cigarreira de ouro, e sob a mesma corôa misteriosa, poude, legitimamente, gravar o seu nome...

O Reporter Misterio

solução do problema n.º 72

	Brancas	Pretas
1	18-22	25-18
2	5-9	18-5
3	26-22	29-18
4	13-9	5-14
5	7-10	14-7
6	3-14-27-20-11-4	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 73

Pretas 2 D e 7 p.

Brancas 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 71 os srs.: Armando Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, A. Leiria (Leiria), Carlos Gomes (Bemfica), José Magno (Algés), Ruy Freiria, Sueiro da Silveira, Um principiante (Carvalhos) e Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Alfredo Costa (Barreiro), que deseja dedical-o ao habil amador o sr. Barata Salgueiro (Bemfica).

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

Automobilismo

Vai sair em Lisboa um novo jornal que se dedicará exclusivamente a este «sport» e será redigido por tecnicos de merito. Chama-se «O Volante».

Pavilhão Central de Anuncios

Na Avenida da Liberdade, ao fundo da Calçada da Gloria, acaba de abrir-se um grande estabelecimento de publicidade, com este titulo.

Ali se venderá o «Domingo». São seus gerentes os srs. Trindade Junior e Pinto Monteiro.

N.º 7 — 1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME

DR. FANTASMA

13 JUNHO 1926

CHARADAS EM VERSO

(A D. Galeno, com os protestos da minha gratidão pela sua charada «Porter»)

1) Por pouco, era derrotado
Na lide em que me meti!
Por mais duma vêz, senti
O meu animo abalado . : .

Aqui, *entre nós*, vos digo,—1
E notai que não é historia,
Julguei não cantar vitoria
Com tão esforçado imigo...

Ao *grego* pedi reforços—1
E, *em tal grau*, m'os forneceu,—1
Que foi um ar que lhe deu!
A «porter», logo, em destroços!...

O conceito que há-de sêr?
Ja achei, mesmo ao «pintar»:
Sou um *chefe militar*...
Que mais lhe hei-de dizêr?...

Lisboa — AVIEIRA

(Ao Camarão agradecendo a sua Percusso)

2 Então, achas que eu seja abundante,
Por bom vinho te dar, com fartura?...
Quem abunda, meu grande, tunante,
E' o vinho, é a tua loucura...

Se não fosses um *homem idoso*,—2
Liquidava a questão de outra forma!
Mas, emfim, quero sêr piedoso,
E seguir vou, portanto, outra norma...

Não te bato, descança, amiguinho;
Mas, tambem, não as perdes, vais vêr...
Vou seguindo por outro caminho,
E a vingança, terrivel vai sêr!...

Quando *aqui* tu vieres, rapaz,—1
Consultar o «Bandeira» ou Moreno»
Nunca mais o bom vinho terás...
Mas, em troca, dar-te-ei um *veneno!*

Lisboa — LORD DÁ NOZES

(Ao amigo BAGULHO)

(3 Venho aqui p'ra pedir um favor
Ou conselho, se assim lhe agradar:
E p'ra mim, com franqueza, um horrôr
Quando penso que morro a tocar!...

E estou já resolvido a fazer
Outra coisa. Pensei *descobrir*,—1
(E sem *pena* lhe passo a dizer,) —1
Um oficio onde possa dormir,

Sem cuidados e a «massa» a corrêr»,
Tal e qual um senhor deputado!
Diga, pois, o que hei-de fazêr
Se não estou a tornar me *pesado*...

Lisboa — KURITSA

(Replando os «temiveis» charadistas Camarão, D. Simpatico e Lord Dá Nozes)

4) Quero ver a competencia
Dos charadistas que aponto:
Quero vêr até que ponto
Chega a sua sapiencia.

No caso de o seu sabêr—1
Sêr *real*, sêr verdadeiro,—2
Morre esta logo ao primeiro
Golpe, já se deixa vêr...

Como gosto de apurar
E de vêr *bem definido*
Vosso valor escondido
P'ra melhor poder lutar,

Espero, confrades meus,
Que me escrevam muito breve.
. . . .
Que a terra lhes seja leve...
E... até lá, então, adeus...

Lisboa — DR. DA MULA RUÇA

5) Quem *aspira* a um bom logar,—2
No mundo, deverá ter
Cuidado em se preparar,—2
Para, sem custo, o obter...

De vergonha não precisa...
Que vale essa frioleira?...
Quem n'a tem, não tem camisa...
Vergonha! Que forte asneira!...

Basta, apenas, muita audacia
E nenhuma consciencia...
Vestir bem, ter perspicácia
E sêr *de bôa aparencia*..'

Lisboa — BAGULHO

ENIGMAS EM VERSO

(Agradecendo e retribuindo á Troupe CARCEI)

6) Se da prima com terceira
A «Troupe Carcei» usar,
Com toda a facilidade
O conceito há-de encontrar...

Se segunda com terceira
Neste conseguem meter,
O todo desta embrulhada
Claramente hão-de vêr...

Se ainda tercia e primeira
Juntarem, não acho extranho
Que a «Troupe Carcei» descubra
Desta charada o engenho!

Não tenham, pois, piedade
Deste trabalho tão «torto»!
Ficarei bem *radiante*
Quando o vir tombar, já morto!...

Lisbôa — VASCO H. DIAS

(em ão...)

7) Ela, é figura
Para tocar;
E êle é pau
Para fiar;
No aumentativo
Todos verão
Uma mistura
Do pé p'ra a mão

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

CHARADAS EM FRASE

8) *Aquilo* que deveriamos fazêr *de* dia, fazemo-lo durante a *noite*.—1—1

Lisboa — AULEDO

9) Durante o *jogo da Gloria*, muito *gozei*, a posto de *não* ouvir o «*instrumento*» que se tocova na sala proxima!—2—1—1

Lisboa — D. GALENO

10) A *cinta oferece* um ar de *ostentação*—2—1

Lisboa — D. SIMPATICO

11) Eu *faço* bons versos quando estou *sosinho* e o sitio é *bonito*.—2—1

Lisboa — LOHENGRIN

12) Conheci um *ministro que* primava pela sua *ignorancia*.—2 1

Lisboa — MARIANITA

13) Ele *acredita* que anda *ao de cima* se se embrulhar neste «*tecido*».—1—2

Lisboa — MIEL

14) A *indolencia* é propria de *um mandrião*.—4—1

Lisboa — ORDIGUES

CORREIO—*(Resposta a correspondencia recebida desde 23 a 30 de maio.)*

DAMA NEGRA.—Recebi as decifrações e a produção que muito agradeço.

D. SIM ATICO.—Muito obrigado por tudo.

HENRICO.—Apresentado por tão ilustre colega, tem toda a liberdade dentro desta casa. Continui porque *devagar se vae ao longe*...

D. GALENO.—Eis a resposta:

Meu caro *D. Galeno*: E' com prazer
Que registo mais esta deferencia
Seja bem-vindo o novo charadista
Que terá sempre, aqui, benevolencia

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 °/o das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a Rua Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 °/o das decifrações, não tragam *a votação* do melhor trabalho publicado.

RESPOSTAS A CONSULTAS

PETRARCA REI.—Temperamento impulsivo e energico, inteligente e ambicioso, generosidades intermitentes, reservado quando convem, nervos dominados a custo, mas dominados, amor á discussão, leal com os amigos, memoria regular.

NINGUEM SE CONHECE.—Inteligencia invulgar, gostos e trato originais, muita energia espiritual, muito bom coração, ideias largas e humanitarias, amante da musica e da luz, da verdade, temperamento que vibra a todas as sensações, emfim! Tudo bom. Ha muito tempo que não passo um grafismo tão revelador de boas qualidades morais.

MANOLA.—Temperamento impulsivo com a mania de fazer sempre o contrario do impulso, caprichosa, prodiga, inteligente, orgulhosa, amante dos livros e da poesia.

UM ESCOTEIRO.—Força de vontade media, caracter apaixonado dedicado e ciumento, desconfiado em extremo, generosidades prodigas, inteligencia assimilavel, ordem, amor á estetica, muito susceptivel.

UM MATERIALISTA.—Ordem, economia, habitos de trabalho, mau gosto, caracter violento contido á força de domar-se, ambicioso, optimista, desconfiado, inteligente, energico, sensualidade forte e cerebral.

CALIGULA.—Grato e afavel, bom gosto, temperamento dedicado e um pouco deixando ir no momento, amor á estetica, generosidade bem entendida, amor á musica, imaginação, mentiroso sem consequencias.

JOTAMAR.—Habitos de trabalho e de actividade, pratico sem ser economico, diplomacia, verbo facil, vaidade intima bem disfarçada, ambição e desejo de ser mais que os outros, rapido nos pensamentos, mas cuidadoso e calmo para os pôr em pratica; nervos fortes mas dominados perfeitamente, trato afavel e maneiras suaves e meigas.

A. DUVALE.—Caracter expansivo, aberto, optimista, inteligente, generoso, amor ao conforto, á ordem e á estetica, ambição, orgulho de si proprio, sentimento de poesia, bom gosto literario, boa memoria mal aproveitada, franco consigo, mesmo nos seus caprichos, muitos nervos e muita sensualidade.

ZILDA B.—Mau caracter, impulsivo e nervoso, generosidade no dinheiro e ruim no moral, curiosidade, espirito religioso, mundanismo, bom gosto artistico, hipocrisia, poucas ideias, optimismo e amor á mentira.

QUI S. C. MÁ.—Bom caracter, falador, amigo de fazer espirito sem má intenção, inteligencia muito mal aproveitada, rajadas de todo, de optimismo, de nervos, de romanticismo, de filosofo... Muito orgulho, muita vaidade intelectual, muito bom gosto para tudo, sentimento de poesia, generosidades prodigas, má administração, lealdade, amor á verdade (em teoria).

FRTIZ.—Temperamento um tanto exaltado, com rajadas de bom e mau caracter, mas de bom coração no fundo, ambicioso, amante da discussão, mais optimismo que outra coisa, vaidade pessoal, reserva, memoria irregular, (conforme estão os nervos), agressivo na frase, que não sabe conter; intuição, ás vezes coisas e factos de creança.

RA'COL AVILS.—Muitos pontos de contacto com «Fritz», só vejo mais n'esta escrita energia fisica e mais ambição.

LOUPA.—Caracter acomodaticio sem ser muito hipocrita, talvez por necessidade, por preguiça de contrariar, não sei; o que é certo é que não tem coragem para se revoltar contra nada, nem ninguem, espirito religioso, lealdade, generosidade bem entendid?, reserva absoluta, nenhuma vaidade, ordem, asseio, crises nervosas de decaimento moral, sorri pouco e pensa muito.

MICAS SALOIA.—Espirito religioso, incerteza e falta de resolução para tudo, pouca vaidade, muitos nervos, desconfiaça, caracter dedicado e ciumento, generosidade bem entendida, má memoria, sentimento do dever, amor á verdade.

PERIQUITO. — Inteligencia clara, ideias energicas e abertas a toda a gente, impulsivo, leal, generoso moral e material, independencia de ideias, pratico, amor á leitura, temperamento artista, má memoria para objectos e detalhes, bom coração e dedicado, mas pouca meiguice e p..uca rotina; exaltação espiritual quando se apaixona por alguma coisa.

ALVEIDA. — Habilidade manual, amor á discussão, sensualidade, boa disposição de animo, mais optimismo que pessimismo, lealdade, generosidade, uma pontinha de vaidade, «geito» comercial, ordem, bom gosto, ciumento e apaixonado.

DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis, porque de nada me servem.

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular», e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, aco-panhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*. *RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA*

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. ALVARO COUTINHO, 17 R/C.—LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior, saírá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

Auledo, Visconde da Relva, Dropé, Menina Xó, Lolita dos Caldos, Caltar, Cruzado, Aufell, José Reis, O Mascara Negra, Nonó, Mario Freiria, Adalberto Béco, Rei Absoluto, Spartanas.

DECIFRAÇÕES DO N.º 72

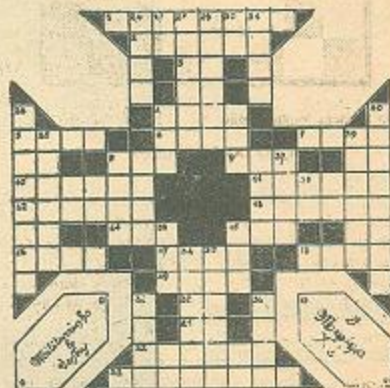
HORIZONTAIS.—1 lapas, 2 burro, 3 rãs, 4 cal, 5 teu, 6 ar, 7 pomos, 8 ré, 9 tia, 10 laranja, 11 mel, 12 A A, 13 Sá, 14 ar, 15 ia, 16 mal, 17 chó, 18 sara, 19 capa, 20 vira, 21 ré, 22 mi, 23 rasa, 24 rifa, 25 saca, 26 aai, 27 ida, 28 op, 29 aa, 30 ar, 31 cá, 32 sol, 33 Antonio, 34 mar, 35 ar, 36 aureo, 37 lá, 38 Pai, 39 mal, 40 sul, 41 saias, 42 cozer.

VERTICAIS.—4 cora, 7 pas, 8 rei, 16 Maria, 17 C. C., 18 Sãr, 25 si, 29 Ana, 30 Anel, 31 cal, 38 pá, 40 só, 43 ar, 44 pás, 45 ás, 46 Gama, 47 ut, 48 rei, 49 mu, 50 patas, 51 loaa, 52 velar, 53 ria, 54 S. J. R., 55 carapau, 56 charada, 57 la, 58 dó, 59 opaca, 60 asa, 61 ai, 62 fá, 63 rosas, 64 caras, 65 pór, 66 atum, 67 rio, 68 orar, 69 vai, 70 luz, 71 ia 72 lê,

PROBLEMA D'HOJE

Original do nossos ilustres colaboradores «Militarzinho» & «Ventry».

HORISONTAIS.—1 arma, 2 soltai, 3 exclamação, 4 encomtro (verbo), 5 pasto, 6 mamiferos, 7 moeda antiga, 8 fileira, 9 colocou, 10 nome de mulheer, 11 calçado, 12 peixe, 13 brutalidade, 14 vai-te!, 15 vestimenta religiosa, 16 ponto cardial, 17 forma de comer de certos mamiferos, 18 oferecido (inv.), 19 caminha, 20 nota de musica, 21 duas letras de «uso», 22 nome duma secção esferica, 23 conversa.

VERTICAIS, 24, estoires, 25 andais como um rôlo, 8 pedras de altar, 27 alegra-te, 28 anda para a frente, 29 reluza, 30 caminhava, 31 Cidade da França, 32 bahú, 33 um dos sete pecados mortais, 34 tremule, 35 velhos, 15 reza,

36 faça andar o barco com os remos (inv,), 37 nas aves (inv.), 38 parte do corpo humano, 39 uma discussão, 40 aurora,

CORREIO

DROPÉ.—E charadas?...

LOLITA DOS CALDOS.—Quando quizer, estamos ao seu dispor.

ADALBERTO BÉCO.—Muito obrigado pelas suas palavras. Queira enviar novamente o seu problema bem desenhado em papel branco, forte e a tinta da China.

REI ABSOLUTO.—Agradeço penhorado, as amaveis palavras com que se dignou distinguir-me. São favores que não mereço. O problema saírá brevemente. Muito me honro com a publicação dos trabalhos de tão ilustre colaborador.

DR. FANTASMA

A BARROTARY CLUB

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

—Não serrá muito?—fez ele, a medo.

—Isso, sim. Diga-me então se não é capaz de se privar de um excelente almoço e jejuar em proveito do proximo? Ou pelo menos repartir com alguns esfaimados sem uma codea as codeas que você tiver a mais e os manjares que na sua refeição forem superfluos? E de fazer isto tudo sem alardes, sem publicidade e sem o gritar aos quatro ventos e achando esse gesto naturalissimo?

—De certo; o contrario é que não acho natural.

—Ora ahi tem. E' cá dos meus. Noticias para quê? A não ser esta, por exemplo: «*Almoço de 20 talheres, que não chegou a realizar-se porque os convidados deliberaram jejuar em proveito de 80 creanças que estavam a morrer de fome*». Isto, sim, que merecia uma noticia.

—Lindo gesto, pena não me ocorrer, —lamentou Inocencio, numa atitude cardinalicia.—Mas, emfim, não será tão completo e teatral o procedimento dos socios do tal club, mas em todo o caso é belo. Depois do almoço e após todas aquelas palestras e conferencias, partirem dali naquela ansia de fazer o bem, indo ao encontro da miseria, exercendo a caridade, olhando a serio os vicios de que enferma a sociedade, cuidando sem delongas da saude moral e fisica da comunidade...

—Mas Inocencio, você teima em delirar. Você fantasia; não vê que tudo isso é impossivel, irrealizavel?

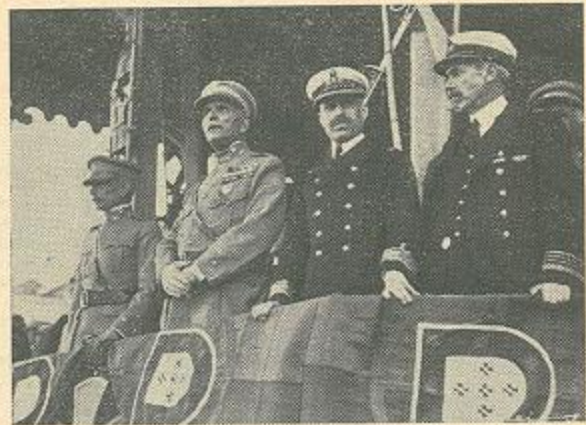
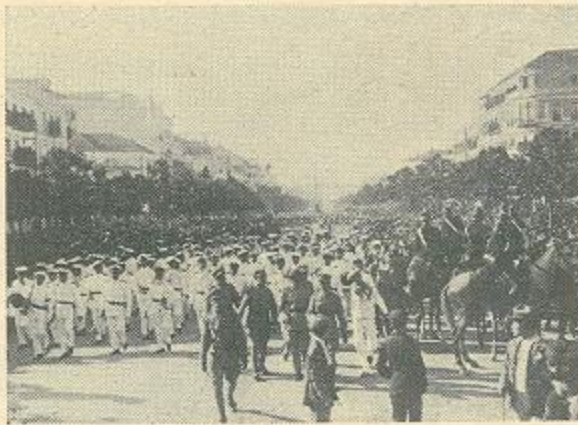
—Mas porquê?

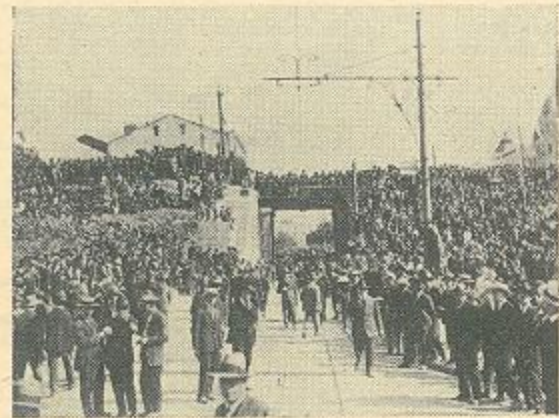
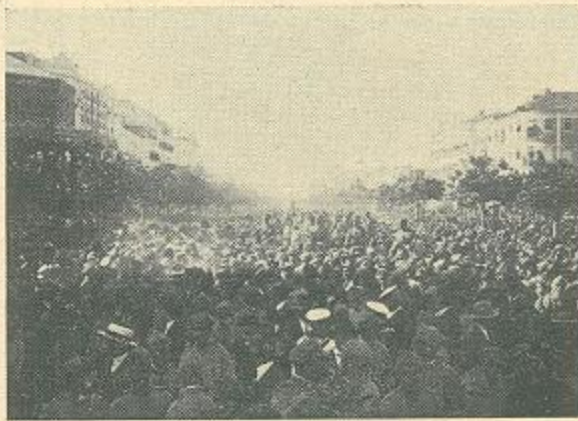
—Porque depois duma refeição daquelas é impossivel uma coisa dessas. Depois dum almoço daquela ordem, o que apenas poderão fazer será procurarem os seus esplendidos automoveis e partirem ao encontro dum confortavel «maple», pendurados num riquissimo charuto, para encetar uma laboriosa digestão. E olhe que já é bom trabalho, porque nessa altura devem estar de facto a... abarrotary...

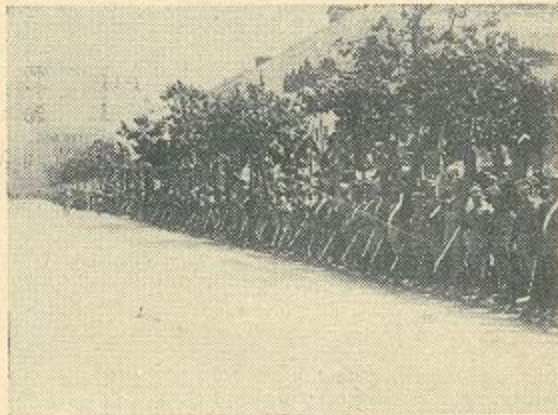
AUGUSTO CUNHA

Actualidades gráficas

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

O desfile da marinha na grande parada.

O chefe do governo e os ministros da Guerra, Estrangeiros e Marinha, na tribuna de honra.

O general Gomes da Costa, completamente cercado pela multidão, que o ovaciona.

O publico apinhado no viaducto de Entre Campos.

As 35 bandeiras dos varios regimentos que figuraram na demonstração militar.

O publico, na rua, em predios e nas arvores, espera a pé firme a chegada do ministro da Guerra.

A reportagem de O Domingo *é feita num auto, que consegue penetrar na area reservada á parada.*

O inicio da grande parada militar: No Campo Grande, o general Gomes da Costa e o seu estado maior.

Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Feliciano Santos, Thomaz Colaço, Augusto Cunha, Leitão de Barros, etc.